

## Evandro Milet

É superintendente regional da Organização Nacional da Indústria do Petróleo (Onip)

Os US\$ 400 bilhões a serem investidos até 2020 na cadeia de petróleo e gás é a grande oportunidade de uma indústria “made by Brasil”

### Virada à chinesa

O economista David Kupfer, em artigo no jornal “Valor Econômico”, fez referência às mudanças introduzidas no 12º Plano Quinquenal (2011-2015) ora em vigor na China, onde a ênfase muda do “made in China” para “made by China”. Isto quer dizer capacidade de projeto, engenharia, tecnologia e marcas nacionais. As discussões hoje sobre desindustrialização e políticas industriais têm enfatizado a necessidade de participação da indústria brasileira nas cadeias globais de produção para estimular a competitividade e a produtividade.

A participação em cadeias globais pode se dar de dois modos: dominando o projeto e comandando a cadeia como uma Embraer, por exemplo, ou participando como fornecedor. Claro que, no primeiro caso, há um domínio do processo e uma liberdade para escolher fornecedores e administrar margens e novos lançamentos.

Vários economistas, porém, embora sempre manifestem orgulho pela Embraer nunca recomendam tentar repetir o modelo como se isso fosse impossível ou contra a teoria vigente. Por que temos tantas fábricas de automóveis no Brasil e nenhuma marca nacional como o Japão, Coreia e China? Por que também na área de eletrônica não con-

seguimos ter marcas nacionais?

A grande oportunidade dos investimentos em petróleo e gás nos próximos anos nos trazem a realidade de que não temos engenharia capaz de projetar FPSOs, sondas de perfuração, barcos de apoio e demais equipamentos necessários. Alguns dizem que basta fabricar no Brasil e empregar brasileiros.

Mas existe uma diferença fundamental, constantemente negligenciada na análise e mesmo até recentemente desconsiderada pelo BNDES: quem domina o projeto de engenharia específica as normas e os sistemas a serem utilizados e com isso amarra toda a cadeia de fornecimento. Os US\$ 400 bilhões a serem investidos até 2020 na cadeia de petróleo e gás é a grande oportunidade de uma indústria “made by Brasil”.

É muito pouco para o Brasil, com seu parque industrial diversificado, tomar como referência de desenvolvimento países pequenos como Chile ou Peru, que só podem participar das cadeias como fornecedores. Podemos e devemos desenvolver a engenharia nacional. No mundo globalizado quem não é consolidador é consolidado e, como diz Kupfer, é ilusório e até mesmo ingênuo imaginar que essas grandes operações de consolidação empresarial possam se dar totalmente à revelia do interesse nacional. Significaria imaginar uma economia política sem nações e sem nacionalismo, da qual o mundo não só se mantém muito distante como claramente nem sequer está se aproximando.